

A fé que empreende, o discurso que empodera: reflexões sobre a narrativa de autoajuda das lideranças femininas da Igreja Universal¹

Emanuelle Gonçalves Brandão RODRIGUES²
Karla Regina Macena Pereira PATRIOTA³
Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

Resumo

Baseado, principalmente, na revisão da literatura nativa da Igreja Universal, nos gêneros biográficos e de autoajuda, escritos exclusivamente por mulheres, ou em parceria com elas, bem como em alguns trabalhos que dialogam com a temática em questão, este artigo busca problematizar a posição da mulher pentecostal que, em grande medida, é apresentada como um sujeito acrítico e dominado, deixando de lado as diferentes modalidades de poder que constituem o esquema de liderança dentro das organizações religiosas. A nossa pesquisa aponta que, para além da naturalizada relação tradicional de poder, que se funda a partir da oposição binária entre homens e mulheres, existe um claro e peculiar processo de empoderamento dentro da igreja analisada, como referência para a identidade e o papel das mulheres que dela participam.

Palavras-chave: Religião; Empreendedorismo; Pedagogias de si; Autoajuda; Igreja Universal.

Introdução

A proposta deste trabalho nasce da inquietação decorrente de pesquisas realizadas por nós nos últimos cinco anos, nas quais a discussão sobre os papéis exercidos por homens e mulheres nas igrejas neopentecostais, em especial na Igreja Universal do Reino de Deus – IURD, tem sido uma constante. Caro para os estudos de religião e gênero, o tema constitui um verdadeiro problema, pois enquanto a reflexão acadêmica se apropria do pensamento secular para direcionar o olhar ao objeto, este parece apontar cada vez mais para uma modernidade religiosa que pouco pode ser explicada pelo modelo hegemônico da secularização europeia, cujas inferências sobre o papel do sujeito

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – GP Comunicação e Religião, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora Substituta do curso de Relações Públicas da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM-UFPE). E-mail: ebrodrigues@gmail.com.

³ Professora dos cursos de Publicidade e Propaganda e de Mestrado e Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM-UFPE). Doutora em Sociologia pela mesma instituição. E-mail: k.patriota@gmail.com.

feminino, no âmbito das igrejas, se limita a uma posição de submissão e tem a emoção como elemento definidor da identidade desse sujeito.

Mas tal “problema” não representa um fracasso epistêmico, uma vez que nos parece inevitável. É antes um ponto de partida para entender como o conhecimento tem sido minado pela vontade de verdade sobre o objeto, que é mais da ordem da crença do que da ordem política. E é aí, justamente, que o poder opera, produzindo, segundo Butler (2014), a própria estrutura binária com a qual se pensa as posições entre os sexos, esta refletida no problema da identidade feminina no âmbito das igrejas pentecostais.

No caso da Universal, ainda que os papéis tradicionais entre os sexos sejam reforçados pela instituição, há um esforço contínuo de modalização do discurso, de modo que sua construção é atravessada por pautas contemporâneas, como as dos movimentos feministas, efeito sobretudo do agendamento promovido pelas mídias sociais, mas cuja materialização transborda seus formatos.

Para este artigo, contudo, a nossa ancoragem analítica consiste, em termos metodológicos, na revisão da literatura nativa da IURD, com enfoque nos gêneros biográficos e de autoajuda, escritos exclusivamente por mulheres, ou em parceria com elas, releitura dos diários de campo de pesquisa anterior realizada no Templo de Salomão (RODRIGUES, 2015), bem como alguns trabalhos que dialogam com a temática em questão (RODRIGUES, 2015; BRONSZTEIN & RODRIGUES, 2016; TEIXEIRA, 2018; CAMPOS & SOUZA, 2017).

No tocante à literatura nativa, escrita pelas lideranças femininas da igreja, selecionamos os livros de autoria e coautoria de Ester Bezerra, esposa de Edir Macedo, Cristiane Cardoso, filha, e Andressa Urach, celebridade recém convertida. Os livros selecionados foram (1) Melhor do que comprar sapatos e (2) A Mulher V, ambos de Cristiane Cardoso; (3) Casamento Blindado e (4) Bíblia comentada Casamento Blindado, escritos por Cristiane em parceria com seu esposo Renato Cardoso; (5) A Dama da Fé, de Ester Bezerra e (6) Morri para Viver, de Andressa Urach. Todas estas produções alcançaram, além da ampla visibilidade e do patamar de *best sellers*, um expressivo público de não-membros da IURD.

Nesse sentido, a revisão da literatura nativa, constituinte do método de pesquisa bibliográfica, foi o passo inicial e estruturante na construção efetiva do nosso protocolo de investigação, já que nos auxiliou na operação analítica e no conhecimento das variáveis condutoras da problematização que postulamos. Assim sendo, é a partir das apreciações

empreendidas aqui que descortinamos a ‘posição contemporânea’ da mulher pentecostal⁴ como lócus ocupado por um sujeito acrítico e dominado, principalmente na perspectiva crítica que, muitas vezes, naturaliza a relação tradicional de poder fundada a partir da oposição binária entre homens e mulheres, deixando de lado as diferentes modalidades de poder que constituem o esquema de liderança dentro das organizações religiosas. Tal posição resume, para tanto, a liderança a uma posição institucional, o que, como temos percebido, na própria operação do *corpus*, não se materializa em sua totalidade na prática, estabelecendo em si um problema teórico, cuja impossibilidade de unificação de um *modus operandi* neopentecostal⁵ tem nos conduzido à produção de categorizações dicotômicas para explicar as práticas e comportamentos desses grupos sociais.

Podemos formular nossa inquietação do seguinte modo: como uma questão que evidencia a diferença dos papéis exercidos por homens e mulheres, em determinadas igrejas (para não dizer da religião como um todo), ganha status de problema em nossas pesquisas? Em uma primeira incursão nessa direção, acreditamos que, em grande medida, isso ocorre em virtude da oposição igualmente binária entre o Religioso e o Secular, característica do nosso fazer científico, cuja última categoria se apresenta como lente epistêmica. Com isso, de um problema que tem sido objeto de desejo na disputa de poder político na sociedade moderna, a relação entre sexos tornou-se um problema teórico que, por vezes, tem se valido da mesma dualidade do discurso que visa criticar.

Embora na IURD os ministérios clericais sejam ocupados, exclusivamente, por homens⁶, isso não quer dizer que não haja liderança feminina na igreja, tampouco que as

⁴ Tomamos aqui a classificação pentecostal como englobante o suficiente para a dar conta da perspectiva do que se convencionou nominar de vertente neopentecostal (MARIANO, 2004) ou pós-pentecostal (SIERSPISC, 1997), a depender das classificações e argumentos dos autores usados. Os pentecostais, segundo Mendonça (2006), têm como um dos sinais distintivos a crença na possessão repetida pelo Espírito Santo com a glossolalia (falar em línguas estranhas) e outros estados extáticos. Quanto à Bíblia e confissões, a posição dos pentecostais é semelhante aos protestantes históricos, embora não se caracterizem pela reflexão teológica (apud PATRIOTA, 2008).

⁵ Muitos são os trabalhos que abordam esse *modus operandi*, a dissertação de Ricardo Mariano (1995), um trabalho de referência para o campo, oferece uma detalhada descrição e definição do neopentecostalismo, além de um apanhado de trabalhos acadêmicos que abordam o tema. De forma geral, Mariano (p.28) aponta três características dessas igrejas: “1) ênfase na guerra contra o Diabo; 2) pregação e difusão da Teologia da Prosperidade; 3) liberalização dos estereotipados usos e costumes externos de santidade. Bittencourt Filho (1991) fala na tríade “cura, exorcismo e prosperidade”. A prosperidade, portanto, ancora em grande medida, todos os argumentos do discurso e pedagogias de atuação desse grupo de igrejas.

⁶ Embora tenhamos conhecimento de que, no começo da IURD, algumas mulheres tenham sido ordenadas pastoras e a prática ter sido descontinuada, os registros não foram, formalmente, encontrados. Em contrapartida, em registro recente (2013), no blog de Edir Macedo, (<https://blogs.universal.org/bispomacedo/2013/12/22/pastora-do-japao/>) há a menção de uma pastora da Igreja Universal atuando no Japão.

mulheres sejam um público menos importante para instituição, até porque se constituem como o maior contingente de membros presentes e atuantes. Outro fator relevante diz respeito ao espaço de atuação dessas lideranças que, como já discutimos em outra oportunidade (RODRIGUES, 2015), transcende as paredes dos templos, ganha força e impacto em uma variedade de esferas, com destaque para o mercado de autoajuda e para a mídia, que se firmam como importantes extensões para a marca Universal. Isto, em particular, faz dessa igreja um empreendimento emblemático no quesito propaganda, ainda mais se trouxermos à tona a proposição de seu líder e fundador, o bispo Edir Macedo, da “fé racional”, que “envolve não somente a meditação e a prática da Palavra de Deus, mas também cobra respostas e o cumprimento de Suas Promessas. Está [a fé racional] relacionada ao raciocínio e à capacidade de julgar, avaliar, enfim, conferir a finalidade da própria fé” (MACEDO, 2010, p.54).

A atualização do discurso do seu fundador, replicado em todas as instâncias da instituição por ele criada, visa atender às diferentes demandas sociais, culturais e econômicas e, nesse sentido, parece menos afastar a IURD das origens históricas do protestantismo do que de fato aproximá-la, tendo em vista que a ruptura é, desde o início, um elemento determinante da identidade que a denominação trabalha para solidificar. É nesse espectro que o uso da categoria da racionalidade se justifica, principalmente por sua apropriação no discurso da Igreja Universal ao evocar a razão como conduta desejável em todas as esferas da vida, através de ensinamentos que se valem muitas vezes das metáforas de mercado.

Controvérsias em torno do empoderamento feminino na Igreja Universal

Como expressão polifônica e verdadeiramente multifacetada, a noção de empoderamento (*empowerment*)⁷ tem que ser pensada e refletida a partir do seu entendimento enquanto processo. Kleba e Wendausen (2009, p.733) postulam, deste modo, sua compreensão como processo dinâmico que envolve aspectos cognitivos, afetivos e condutais, indicando que este “é apresentado a partir de dimensões da vida

⁷ Segundo Kleba e Wendausen, alguns autores optam pela utilização da expressão em inglês, “para manter a fidedignidade da tradução (Vasconcellos, 2003; Becker e col., 2004) (...)”, visto que, “na tradição anglo-saxônica do liberalismo civil e religioso a palavra empower tem como tradução os verbos transitivos autorizar, habilitar ou permitir (Stotz e Araújo, 2004)” (KLEBA & WENDAUSEN, 2009, p.735).

social em três níveis: psicológica ou individual; grupal ou organizacional; e estrutural ou política” (p.733).

No nível psicológico ou individual reside as noções de autonomia e liberdade, ancoradas pela emancipação dos indivíduos que se inserem no processo de empoderamento, o que promove certa experiência de poder, esta nascida das situações de carência ou de ruptura. São ‘microfatores’ que incluem, além da autonomia, a autoconfiança e a autoestima como potências transformadoras. Assim, são condutas que, além de transformar, dialogam com a noção de “fé inteligente”, como articulada por Macedo (2010). Estas suscitam, como demarca Teixeira (2018), mecanismos de controle em um movimento secularizador dos corpos, visto que responsabiliza os indivíduos pelas consequências de suas ações e, por conseguinte, “a relação com Deus apresenta-se muito mais mediada pela noção de autonomia do que pela noção de dependência.” (TEIXEIRA, 2018, p.99).

Nas afirmações de Cristiane Cardoso⁸, em parceria com seu marido Renato⁹, evidencia-se, discursivamente, que o poder feminino se sobrepõe à anterior situação de incapacidade, ou mesmo de conformismo na execução dos papéis sociais preestabelecidos de outrora: “A mulher tem um poder que o homem não tem: o de influência e persuasão” (CARDOSO & CARDOSO, 2015, p.698). O que gera distinção e separa, mesmo que minimamente, homens e mulheres, revelando as competências e habilidades das últimas:

Tanto o homem quanto a mulher são especiais para Deus. A única diferença entre eles é a função que cada um exerce diante de Deus: o homem deve glorificar a Deus e a mulher deve ajudar o seu marido a glorificar a Deus. Ambos têm o mesmo objetivo, mas diferentes papéis, formando um time imbatível. (CARDOSO, 2007, p.219).

Já no nível grupal ou organizacional, o processo de empoderamento se dá pelo fortalecimento da organização mesma, essencialmente no compartilhamento das experiências de liderança, o que inclui decisões e execuções partilhadas, valorização de papéis e distribuição de responsabilidades para o crescimento do todo (SILVA e MARTÍNEZ, 2004, p.31).

⁸ Filha de Edir Macedo e personalidade midiática, Cristiane desenvolve trabalhos voltados principalmente para o público feminino, sejam as fiéis da igreja ou não. Junto com o marido está à frente da marca The Love School e promove uma gama variada de produtos e serviços, desde livros e revistas a cursos e palestras sobre o relacionamento a dois. Demonstra, claramente, ser uma das maiores líderes da Igreja Universal (BRONSTEIN & RODRIGUES, 2016, p.05).

⁹ Líder promissor na linha de sucessão de Edir Macedo, hoje é bispo da Igreja Universal.

Na IURD, este segundo nível de empoderamento das mulheres é observado na elevação ministerial (mulheres à frente de alguns ministérios, mesmo na condição de não-ordenadas). A própria Cristiane, palestrante, escritora, criadora e líder do Godllywood¹⁰, se assume como auxiliadora do marido e ressalta que a força de liderança das mulheres é independente de um efetivo cargo pastoral. Em entrevista à Revista Istoé, defendeu: “Entendemos que a liderança da mulher é uma necessidade da igreja e vai muito além do título ou cargo que ela exerce. (...) “Temos pastoras consagradas no Brasil e ao redor do mundo.” (CARDOSO, 2013, Revista Istoé). A declaração, feita pela filha de Macedo, foi proferida para a revista, mesmo considerando que a Igreja Universal não ordena mulheres (pelo menos não da forma como ordena homens) ao pastorado, questão que ela busca refletir em livros e palestras.

Ela desenvolve o tema, em linhas gerais, do seguinte modo: “há mais mulheres do que homens na igreja e frequentemente me pergunto por que elas não são tão usadas quanto os homens? A única explicação lógica que pude encontrar foi que nós, mulheres, somos mais emotivas do que os homens” (CARDOSO, 2007, p.123). Tal característica, entretanto, não as torna menos especial perante Deus. Para Cristiane, o que diferencia homens e mulheres “é a função que cada um exerce diante de Deus” (CARDOSO, 2007, p.219). Na separação-comparação, recorrentemente feita na instituição religiosa, a mulher sempre é circunscrita ao papel de ‘ajudadora’ ou ‘auxiliadora’ do marido – o que demarca a inexistência ou a fragilidade de espaços disponíveis às solteiras que participam da igreja.

Ser uma mulher virtuosa, para Cristiane, é acima de tudo fazer a diferença, não se limitando àquilo que está ao seu alcance, comportamento esse desejado e aprovado por Deus: “Deus está em busca de mulheres influentes nos dias de hoje para que possa vencer as muitas guerras espirituais à nossa volta” (CARDOSO, 2007, p.283). Portanto, não é pouco comum que, essas mulheres, líderes e empoderadas, recorram ao compartilhamento de visões e conhecimentos para ampliar a consciência crítica sobre outros parâmetros. Como balizam Kleba e Wendausen (2009, p.733), “o nível grupal desencadeia respeito recíproco e apoio mútuo entre os membros do grupo, promovendo o sentimento de pertencimento, práticas solidárias e de reciprocidade”.

¹⁰ Segundo Esther, tal projeto, visa “desenvolver na mulher diferentes talentos capazes de transformá-la em uma pessoa melhor. Esposa, filha, profissional, solteira, namorada, noiva, mãe, nega, amiga, prima. A proposta é ensinar e influenciar todas, seja qual for a idade, a agirem de acordo com a Bíblia. São orientações e tarefas que estimulam o lado criativo, a independência, o cuidado com a aparência e até os laços de amizade com outras mulheres de fé” (BEZERRA, 2016, p.221)

Por fim, no nível estrutural ou político, a ênfase está nos aspectos que conformam e estruturam a vida social. Como “processo conflituoso de redistribuição de poder político” sobre o qual “pessoas ou grupos renunciam a uma posição de dominação e se apropriam de habilidades de participação democrática e de poder político de decisão” (HERRIGER, 2006 apud KLEBA e WENDAUSEN, 2009). O nível estrutural ou político de empoderamento feminino na IURD é visto no abandono das mulheres da antiga situação de submissão e impotência, agora reconfigurada sobre diferentes bases, numa espécie de “reapropriação de poder”, como definido nas postulações de Herriger (2006).

De forma geral, como assinala o autor, nesse nível de empoderamento, se angaria forças para os “projetos coletivos de auto-organização” e se potencializa os elementos capazes de engajar os membros participantes da estrutura em pauta (apud KLEBA e WENDAUSEN, 2009). O próprio crescimento da Universal, pelo intenso trabalho dos seus líderes pastores, é reapropriado pelo lugar da mulher na igreja-instituição, como auxiliadora deles. Esther Bezerra, esposa de Edir Macedo, garante em um dos seus livros: “A mulher é uma peça decisiva para o sucesso de um pastor e, conseqüentemente, para conduzir as pessoas que nos procuram a uma vida de êxitos” (BEZERRA, 2016, p.176). Esther ainda pontua que, à primeira vista, quando não se entende o verdadeiro papel de “auxiliadora do marido”, pode se deduzir que trata-se de um papel inferior, de anulação individual, para que o marido possa se sobressair, quando, de acordo com ela, “a auxiliadora é quem faz do seu marido o homem que ele é”. Para tanto, vale-se de sua própria experiência: “Quanto mais auxílio o Edir, mais ele fica dependente de mim e me valoriza. Quanto mais eu lhe agrado, mais ele quer agradar a mim. É uma competição saudável de quem se sacrifica pelo outro” (BEZERRA, 2016, p.176).

Para que esse discurso produza sentido e ganhe força, contudo, precisa da legitimidade da experiência empírica, instrumentalizada em uma narrativa capaz de conceder explicações racionais e modos de operacionalização para se alcançar a felicidade. Assim, os relatos de vida que visam individualizar sujeitos exemplares o fazem, ao mesmo tempo, a partir de uma narrativa que combina elementos de uma teologia de resultados com afirmações de ser possível se viver uma vida plena de sucesso como decorrência de uma boa relação com Deus e, também, de “uma pedagogia comum que, doravante, nos obriga a ser os empresários de nossa própria vida” (EHRENBERG, 2010, p.49).

Essa pedagogia, que tem por objetivo gerar sujeitos produtivos, se ancora no gênero autoajuda e, mais precisamente, no biográfico, para construir modelos de ação, instituindo, “de acordo com normas reconhecidas de narração de uma vida”, um “eu” narrativo que se sobrepõe ao “eu” cuja vida passada se busca contar (BUTLER, 2015, p.73). Estando sua difusão, por conseguinte, condicionada aos espaços que circula e tendo o mercado de autoajuda como o principal agenciador, questão que nos interessa particularmente e sobre a qual vamos nos debruçar nas próximas páginas.

Narrativas que inspiram: o discurso empreendedor das lideranças femininas da IURD

Toda história que busca inspirar tem como pano de fundo uma cena de interpelação, aquilo que, para Butler (2015), determina o relato que se faz sobre si mesmo. Enquanto condição retórica da responsabilidade, essa cena representa o modo como o sujeito elabora uma relação com o outro na linguagem, reconstruindo-se à medida que também se dirige a sua audiência. Isso implica algumas competências enunciativas da ordem do saber-fazer, saber-ouvir, saber-dizer, nas quais remetente e referente ora se confundem, ora se distinguem. Nesse sentido, “estes relatos permitem então, por um lado, definir critérios de competência que são os da sociedade nas quais eles são contratados, e, por outro lado, avaliar, graças a estes critérios, as performances que aí se realizam, ou podem se realizar” (LYOTARD, 1993, p.38).

Ao explicar que “para um casamento dar certo, para que uma união conjugal funcione em paz e felicidade, é preciso que homem e mulher, respectivamente, executem cada um o seu devido papel”, Ester (BEZERRA, 2016, p.187) o faz a partir de uma clara referência: ela mesma. Isso porque todo conselho parte, convencionalmente, de experiências diretas com um tema. Desse modo, ainda que o faça, não é condição necessária referir-se a si própria como exemplo, pois a autoridade no discurso se constitui também pelo ethos pré-discursivo¹¹. Porém, ao afirmar que “eu dependo da segurança dele e ele dos meus cuidados” (Idem), outra questão se coloca em evidência: a proposição do empoderamento pela sujeição, um lugar “entre” que define a identidade da mulher iurdiana:

¹¹ Ao pontuar a pré-discursividade do ethos, Maingueneau (2011, p.70) postula que quando os enunciadores, “ocupam constantemente a cena midiática, são associados a ethos que cada enunciação pode confirmar ou infirmar”.

Submeter-se não significa tornar-se escrava ou capacho, mas, sim, permitir que nossos maridos tomem a decisão final. Afinal de contas, imagine se não houvesse primeiros ministros, presidentes, gerentes, supervisores, diretores e todos aqueles que têm responsabilidade de dar a última palavra em diversos assuntos do nosso cotidiano? Seria uma bagunça todos os dias e em todos os lugares! (CARDOSO, 2007, p.223).

A sujeição, em primeiro lugar, condiciona o sujeito ao outro, torna-o sujeito à ação de outrem, ainda que ambos ocupem espaços diferentes: “para manter um bom relacionamento com as mulheres dos pastores, sigo o exemplo do meu marido”, explica Ester (BEZERRA, 2016, p.219). O empoderamento, por sua vez, incide na autoestima desse sujeito, motivando-o a ação e tornando-o singular, mesmo quando as posições em relação ao outro sejam demarcadas. Assim, por exemplo, a habilidade doméstica, ressaltada por Cristiane e Ester (CARDOSO, 2013; BEZERRA, 2016), longe de ser tratada como algo ruim, é estimulada como uma qualidade natural e desejável para toda mulher, compreendida tanto como um talento nato quanto como uma função de liderança capaz de empoderar as mulheres. Por isso não há motivos para vergonha, pelo contrário, trata-se de um papel especial a elas destinado, sem precisar abrir mão dos estudos ou da carreira:

As mais jovens, por exemplo, atualmente não assumem mais o papel de dona de casa com prazer. Sentem-se envergonhadas ou diminuídas em ocupar essa posição. Não significa que devem largar os estudos, o trabalho ou a carreira, mas não podem deixar de executar ou liderar as funções delas no lar (BEZERRA, 2016, p.185-186).

Funciona, além disso, como elemento de distinção entre as próprias mulheres no espaço público, onde Cristiane e Ester – e em menor grau Viviane Freitas, a filha mais nova de Macedo – apresentam-se como sujeitos exemplares. Cuidar de si e da casa é um exercício de poder, na concepção desejável de mulher, promovido por essas lideranças. A mulher virtuosa do livro bíblico de Provérbios, atualizada por Cristiane como a “Mulher V”, é uma meta a ser alcançada, servindo como horizonte para suas seguidoras. Seu empoderamento é resultado da forma multifacetada com a qual lida com seus afazeres domésticos, sendo “capaz de cuidar da casa e do trabalho ao mesmo tempo e, ainda assim, terminar o dia com uma ótima aparência” (CARDOSO, 2007, p.245). Viver, para elas, é sempre um modo de empreender algo, ocupar posições de liderança, ainda que não seja ocupando cargos ministeriais consagrados ou ordenados como os dos homens.

Na forma de narrativa, esses relatos de vida assumem a função de inspirar multidões através de uma proposta de transformação, na qual “a narrativização da própria vida em chave motivacional, com vistas a servir de modelo à trajetória do outro, ganha espaço crescente no espectro da inspiração como cultura” e cujo “empreendedorismo pode ser entendido como uma técnica de si” (CASAQUI, 2017, p.9). Assim, justifica Ester: “Dou o meu exemplo para explicar às mulheres o valor de se dedicar à meditação constante da Palavra de Deus” (BEZERRA, 2016, p.218).

Do mesmo modo, sua filha, Cristiane Cardoso, apresenta dicas sobre a forma ideal de obter um casamento feliz: administrá-lo como uma empresa. Recorrer, portanto, à categoria da racionalidade se justifica nessa discussão principalmente por sua apropriação no discurso da própria Igreja Universal, que mobiliza o conceito de razão como princípio norteador de suas práticas, em todas as dimensões da vida social e afetiva. Assim, mesmo que reforce a emoção como característica natural da mulher, trata os problemas cotidianos como um processo lógico e racional: “A Mulher V não reclama pela falta de oportunidades, ela vai em busca das oportunidades” (CARDOSO, 2013, p.107), parafrazeando o trecho bíblico de Provérbios que apresenta a mulher que é tida por “virtuosa”: “Examina uma propriedade e adquira-a; planta uma vinha com as rendas do seu trabalho” (BÍBLIA, Provérbios, 31:16)

As narrativas nas quais essas lideranças se inscrevem, e a partir das quais se constituem, enquanto tais são operacionalizadas através do entrelaçamento entre eficiência produtiva e linguagem dos afetos, estes compreendidos como a energia que nos impele a agir (ILLOUZ, 2011), como no relato de Esther Bezerra, autointitulada a “dama da fé”, no seu livro autobiográfico, que revela “os segredos da mulher que transformou a vida de Edir Macedo”: “A autoridade dele [de Macedo] não é imposta, foi conquistada por sua história, por tudo o que construiu à base de muito suor e crença nas promessas de Deus” (BEZERRA, 2016, p.219).

Portanto, ancoradas no credo terapêutico, essas narrativas se adequam particularmente ao gênero, que investido do caráter pedagógico - como a maior parte das biografias que valem a pena serem escritas e lidas, visa produzir corpos através de modos próprios de governo. Assim, todo ato de relatar a si mesmo é um ato político de produção de subjetividades, pois “não apenas depende da capacidade de transmitir uma série de eventos em sequência, com transições plausíveis, mas também recorre à voz e à autoridade narrativas, direcionadas a um público com o objetivo de persuadir” (BUTLER,

2015, p.23). Neste caso, a autora e líder é a mulher que, mesmo reconhecendo que a autoridade do marido não é imposta, transformou a vida dele - um dos mais expressivos e importantes líderes religiosos da atualidade.

Por outro lado, a autoridade exercida por tais lideranças femininas ganha respaldo também fora da igreja, pois seus discursos implicam em competências que não se limitam à esfera religiosa. Estendem-se às práticas comuns do tradicional universo feminino. Parte deste, portanto, para produzir sentidos particulares de empoderamento, nos quais a família e o lar são os espaços de contínuo empreendimento:

Ao mesmo tempo em que controla as suas finanças, a Mulher V também fica de olho em novas oportunidades de aumentar o seu ganho. Ela poderia usar o seu lucro para comprar roupas novas para a sua família, mas decide investir o seu dinheiro para aumentar o ganho da família (CARDOSO, 213, p.102).

Com efeito, tendo como aporte teórico-metodológico o discurso de autoajuda, as narrativas prescrevem diversas práticas, todas orientadas para a desencadeamento de condutas que compreendem uma vasta variação de produtos e formatos alimentados pelo capitalismo afetivo. Chamamos esse espaço de troca e concorrência de mercado de autoajuda.

Articulando estratégias de governmentação atuais, as práticas desse mercado produzem exercícios orientados, segundo Marín-Díaz (2015), para a (1) identificação e definição de um “eu” próprio; (2) autotransformação do indivíduo; e (3) modelos reconhecidos e aceitos de sucesso e felicidade. Esse conjunto de práticas, simultaneamente religiosas e seculares, destinadas ao governo da vida e do sucesso, permeiam o cenário onde se desenvolve essa modernidade religiosa latino-americana, no qual longe de ser superada, a religião encontra, ao mesmo tempo, na cultura e no mercado espaços para ampla expressão. De acordo com Parker (1993), a religião opera em outra lógica no continente, pois “mais além do campo de práticas e dos fatores estruturais à reprodução do sentido religioso há uma racionalidade popular, diferente da ocidental, na qual habita, se abriga e retroalimenta a fé religiosa”. O autor se refere a tal processo como o sincretismo da mentalidade popular, no qual a cultura popular se afirma como espaço importante de contestação do modelo ocidental de modernidade.

É neste espaço, por conseguinte, que a cultura da inspiração (CASAQUI, 2017) ganha materialidade através das narrativas de autoajuda, nas quais o discurso empreendedor proferido por lideranças religiosas se manifesta. Cresce como alicerce para

a produção de identidades e alcança um espectro amplo de consumidores. Trata-se, segundo o autor, de modos de narrar que [...] correspondem a um cenário contemporâneo de midiaticização da experiência humana em função de um projeto comunicacional, que envolve a produção, circulação e consumo de narrativas (CASAQUI, 2017, p.9).

Entre os atores religiosos neopentecostais – e na IURD em particular –, o ato de relatar a si mesmo se organiza segundo uma estrutura narrativa que lhes é muito particular, o testemunho, este ancorado na Teologia da Prosperidade – TP¹². Tendo o sacrifício como variável determinante nos índices de sucesso dos fiéis, sua fórmula pragmática sistematizada por Kenneth Hagin (1983) apresenta muitas afinidades com os manuais da literatura de autoajuda:

1. “Diga a coisa.” Positiva ou negativamente, tudo depende do indivíduo. “De acordo com o que o indivíduo quiser, ele receberá.” (Hagin, 1983);
2. “Faça a coisa.” Seus atos irão derrotá-lo ou lhe darão vitória. “De acordo com sua ação, você será impedido ou receberá.” (Hagin, 1983);
3. “Receba a coisa.” Compete a nós a conexão com o dinamismo do céu. “A fé é o pino da tomada, basta conectá-lo.” (Hagin, 1983);
- e 4. “Comente a coisa.” A fim de que outros também possam crer (Hagin, 1983). (BRONSZTEIN, 2014, p.141)

Nesse sentido, não nos é leviano concluir que, como um todo e para além do universo feminino, a fórmula das narrativas iurdianas não são apenas autocentradas no religioso, pois tocam diversos outros domínios. E mais: com eles travam relações ora contratuais, ora conflituosas, principalmente com os discursos que lhe fazem fronteira. Isso ocorre para além das noções tradicionais dos processos de empoderamento que abordamos aqui e das lógicas de mercado que emergem quando estudamos os empreendimentos religiosos, estes produtores de dinâmicas e práticas particulares.

Considerações finais

Como recorrente na história de existência da IURD, há rupturas e adaptações constantes que revelam novas relações de poder, mas estas não buscam a igualdade dos sujeitos (neste caso, homens e mulheres) nem a transformação das relações hierárquicas tradicionais. O processo apenas dialoga com as subjetividades dos seus membros, e em especial das mulheres, em releituras que tentam resgatar um certo papel, principalmente quando exibem o “choque” identitário e condutal dos dias atuais, como nos escritos de

¹² A TP, grosso modo, apresenta certa “retórica do querer” (Mesquita, 2007), estimulando e abrindo espaço para se desejar, de forma lícita, aceitável e sem constrangimentos, uma vida repleta dos signos terrenos de sucesso, corporificados, na maior parte, no dilatado consumo de produtos de alto valor comercial. Mas não apenas neles: trata-se de uma prosperidade que vai além dos bens, se estendendo ao sucesso familiar, pessoal, nos negócios, nos relacionamentos e na saúde. Em síntese: uma vida sem sofrimento algum.

Cristiane Cardoso ao demarcar que “a mulher tem se tornado mais independente do homem, menos tolerante com as peculiaridades masculinas, tem tomado decisões sem participá-lo e “batido de frente” com ele” (CARDOSO & CARDOSO, 2012, p.28).

Tal contexto, segundo a filha de Macedo e seu marido, leva o homem a tentar “agradar a mulher” e, com isso, se tornar “mais sensível, retraído na sua posição no casamento, se sentido desrespeitado pela mulher, e às vezes descartável”. Ambos concluindo pela confusão total dos papéis: “a mulher tem se tornado mais como o homem, e o homem mais como a mulher” (CARDOSO & CARDOSO, 2012, p.28).

Com efeito, o empoderamento promovido pelo discurso dessas lideranças tem como referência a identidade enquanto evidência de marcas biológicas, cujo outro é o corpo masculino. Isso se deve ao fato de que o “reconhecimento do ‘outro’, daquele ou daquela que não partilha dos atributos que possuímos, é feito a partir do lugar social que ocupamos” (LOURO, 2016, p.15). Tal perspectiva, parece romper com a noção, por vezes naturalizada, do processo de empoderamento que aflorou, como fruto das lutas pelos direitos civis ou pela emancipação das mulheres, na perspectiva dos movimentos feministas.

Com isso, “as práticas pedagógicas, enquanto ações reguladas destinadas à formação e à definição de modos de comportamento dos outros, podem ser consideradas como práticas de governamento” (MARÍN-DIAZ, 2015, p.19) e, na IURD, a nosso ver, estas buscam fazer retroceder e enxergar, de modo diferente, do que pode ser medido como uma estrutura de opressão e relações de poder que, à primeira vista poderiam, por quem as vê de fora, serem tidas por ‘injustas’ e não empoderadoras.

Referências

BEZERRA, Ester. **A dama da fé**: os segredos da mulher que transformou a vida de Edir Macedo. São Paulo: Planeta, 2016.

BITTENCOURT FILHO, José. Remédio amargo. In: ANTONIAZZI, A. et alii. **Nem anjos nem demônios**: interpretações sociológicas do pentecostalismo., Vozes, 1994: 224-33, Petrópolis, 1994.

BRONSZTEIN, Karla Patriota; RODRIGUES, Emanuelle. **O Ethos da Mulher V**: Consumo e construção da identidade feminina na Igreja Universal. Lumina, Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação Universidade Federal de Juiz de Fora – PPGCOM-UFJF. V.10, n. 1, abr. 2016. Pg. 01-19.

BRONSZTEIN, Karla Patriota. **Nação dos 318**: a religião do consumo na Igreja Universal do Reino de Deus. Comunicação, Mídia e Consumo, São Paulo, vol. 11, n. 30, p.125-142, jan./abr., 2014.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 7ª. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

_____. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CAMPOS, Roberta; SOUZA, Alana. **Godllywood de Cristiane Cardoso**: uma etnografia do “transreligioso”. Revista de Antropologia do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - FFLCH/USP. V. 60, n. 2. 2017. Pg. 487-512.

CARDOSO, Cristiane. **A Mulher V**: moderna, à moda antiga. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2013.

_____. **Melhor do que comprar sapatos**. Rio de Janeiro: Unipro, 2007.

CARDOSO, Renato; CARDOSO, Cristiane, **Bíblia casamento blindado**: com introduções, devocionais, ferramentas e dicas de Renato e Cristiane Cardoso. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2015.

CARDOSO, Rodrigo. **A força das pastoras**. Revista Istoé, 20/09/13. Disponível em: https://istoe.com.br/325432_A+FORCA+DAS+PASTORAS/. Acesso em 06.07.2018.

CARVALHO, Sérgio. Os múltiplos sentidos da categoria empowerment no projeto de promoção à saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, p. 1088-95, jul./ago. 2004.

CASAQUI, Vander. **Abordagem crítica da cultura da inspiração**: produção de narrativas e o ideário da sociedade empreendedora. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – E-compós, Brasília, v.20, n.2, maio/ago. 2017. p.01-18

DRUCKER, Peter F. **Inovação e espírito empreendedor**: práticas e princípios. São Paulo: Pioneira Thomson, 2003.

EHRENBERG, Alain. **O culto da performance**: da aventura empreendedora à depressão nervosa. São Paulo: Ideias & Letras, 2010.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

HERRIGER, N. **Grundlagentext Empowerment**. Düsseldorf/Alemanha: Sozialnet GMBH, 07 de julho de 2006. Disponível em: <<http://www.empowerment.de/grundlagentext.html#oben>>. Acesso em: 07.07.2018

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

KLEBA, Maria; WENDAUSEN, Agueda. **Empoderamento**: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. Revista Saúde Soc. São Paulo, v.18, n.4, p.733-743, 2009.

LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. 4. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

LOURO, Guacira L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. P.7-34

MARIANO, Ricardo. Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando. São Paulo: dissertação de mestrado em sociologia, FFLCH-USP, 1995.

_____. **Expansão pentecostal no Brasil**: o caso da Igreja Universal. Revista de Estudos Avançados 18 (52), 2004.

MARÍN-DIAZ, Dora L. **Autoajuda, educação e práticas de si**: genealogia de uma antropotécnica. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MACEDO, Edir. **Fé Racional**. Rio de Janeiro: Unipro, 2010.

MENDONÇA, Antonio Gouveia. Evangélicos e pentecostais: um campo religioso em ebulição. In: **As Religiões no Brasil**: Continuidades e Rupturas. TEIXEIRA, Faustino e MENEZES, Renata (orgs). Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

PARKER, Cristián. **Una alternativa al paradigma modernizante**. In: Otra lógica en América Latina. Religión popular y modernización capitalista. México: Fondo de Cultura Económica, 1993. p.351-385.

PATRIOTA, Karla. **O show da fé**: A religião na Sociedade do Espetáculo. Tese de Doutorado em Sociologia do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife, 2008.

RODRIGUES, Emanuelle. **Pedagogias de um “amor inteligente”**: Empreendedorismo e racionalização dos afetos na Escola do Amor da Igreja Universal do Reino de Deus. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação). 118f. Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SCHUMPETER, Joseph. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A, 1984.

SIEPIERSKI, Paulo. **Pós-pentecostalismo e política no Brasil**. In: Revista Estudos Teológicos. V. 37, n.1. 1997. p.47-61.

SILVA, Carmem.; MARTÍNEZ, María Loreto. **Empoderamiento**: proceso, nivel y contexto. Psykhe, Santiago/Chile, v. 13, n. 1, p. 29-39, mai. 2004. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=96713203>. Acesso em: 06.07.2018.

TEIXEIRA, Jacqueline. **A conduta universal**: O governo de si e as políticas de gênero na Igreja Universal. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia). 172f. Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.